

número 1
janeiro 2002

www.revistaamalgama.hpg.com.br

amalgama

Entrevista:

Elio Ferreira &
Lisete Napoleão



Waly Salomão



deu um troço

I CONCURSO
AMALGAMA
de POÉSIA

Crítica literária
Crônicas
Poemas
Desafio poético



Os Poemas da
Terra Selvagem de
Martins Napoleão

amálgama. *s. f. e m.* (lat. mediev. dos alquim., *amalgama*, do ar. ‘*amal al-dja-ma’a*, fusão, união carnal.) **1.** Mistura de elementos heterogêneos: *um estranho amálgama de gente.* **2.** Designação genérica de ligas metálicas de mercúrio com outro metal; mineral constituído por mercúrio e prata em misturas isomorfas. **3.** *Fig* Mistura de coisas diversas; reunião de pessoas de diferentes classes e qualidades. Confusão. **4.** Coexistência de dois significados no enunciado, cujos significantes são combinados de tal maneira que seu produto não é analisável em segmentos sucessivos. || *Amálgama formal:* no francês au/aux (o); inglês man/men; português a + a = à. || *Amálgama semântico:* olho-de-mocho, nome de uma planta que nada tem de comum com um olho ou com um mocho, ou o francês *oeil-de-boeuf*, nada a ver com olho ou boi. **5.** Revista mensal preparada em Teresina por diferentes visões, vivências e literariedades. Designação genérica da produção crítica e literária divulgada pela revista. Os editores desta revista. **6.** Não apenas os poemas, mas a poesia. **7.** O ideal de que a arte existe para melhorar a qualidade de vida das pessoas. A certeza de que escrever é necessário. Necessário quando inevitável, como uma necessidade orgânica inevitável, como comer, dormir e viver. Ou desejar. **8.** O desejo pela mistura de todas as linguagens. A linguagem da linguagem. A possibilidade de amalgamar sempre. **9.** Todas as palavras. **10.**

amalgamar. *v. t.* **1.** Fazer amálgama de (mercúrio com outro metal, poesia com outros poemas). **2.** Reunir, confundir, combinar, misturar (coisas diversas). **3.** Editar, publicar estas palavras. **4.** Colaborar com todas as outras palavras. **5.**

expediente

número 1
janeiro 2002

The logo for 'amalgama' is written in a stylized, hand-drawn font. The letters are black, with the 'a' and 'g' having red accents. The 'g' has a red swirl at its base.

www.revistaamalgama.hpg.com.br

e-mail: revistaamalgama@ig.com.br

editores

Adriano Lobão Aragão
Hermes Coelho
Jeferson Probo
Sérgio Batista
Washington Ramos

capa

Montagem a partir de foto de Waly extraída da revista Cult.

Marca d'água: Capa original do livro Me segura qu'eu vou dar um troço, de Waly Salomão.

Fotos de Elio e Lisete: Sérgio Batista.

Foto de Martins Napoleão extraída do Dicionário Biográfico Escritores Piauienses de Todos os Tempos, 2.^a ed., de Adrião Neto.

diagramação & programação visual

Adriano Lobão Aragão
Glaciene Brito

revisão

Washington Ramos

impressão

Gráfica e editora Fundamental
Capa: Instituto Universitário do Piauí – IUP

colaboradores

Aldo José Vaz de Sousa
Chico Castro
Gabriel Archanjo
Jussandra Borges
Kenard Krueel
Mariane Ferreira

Rua Areolino de Abreu, 1718,
sala 01, Centro, ed. Luiz
Fortes. CEP 64000-180
Teresina-PI

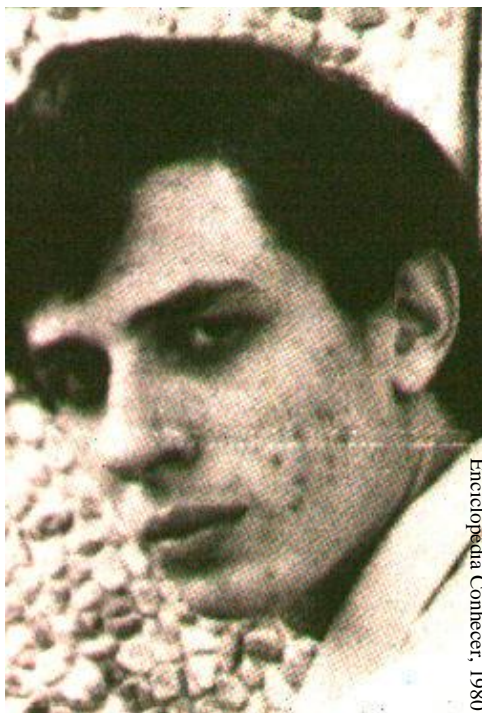
Waly Salomão deu um troço	03
duas línguas	
Elio Ferreira & Lisete Napoleão	07
estetoscópio	
A máquina do movimento perpétuo	12
outras palavras	
Não façamos feio	13
O que o garoto imobilizado dizia	15
palaversoesia	16
homenagem	
Martins Napoleão	18



1973. Era um ano marcante para a poesia marginal. Buscava-se sobreviver aos anos de chumbo do regime militar, ao suicídio de Torquato Neto e aos resquícios da aventura tropicalista. Waly Salomão, ainda Sailormoon, que já havia publicado seu livro de poemas *Me segura qu'eu vou dar um troço*, organizava a obra de Torquato sob o título *Os últimos dias de Paupéria*. Gramiro de Matos fazia suas experiências lingüísticas (“tupinglês”, “sertanês baianês”...) enquanto “Os morcegos estão comendo os mamões maduros”, e a revista Navilouca, coordenada por Torquato e Waly, anunciava que “Sailormoon está dando um troço” e aglutinava o desbunde de uma geração marcada pela contracultura, onde se tinha de Jorge Mautner (do lado de dentro) a Lou Reed (do lado de fora, com seu fenomenal disco “Transformer”, produzido por David Bowie). E muitos brasileiros também viviam no lado de fora, no exílio, longe dos nossos generais, perto de outras guerras. Os tempos eram esses.

1943. No meio de outra guerra (sempre há guerras), nasceu em Jequié, na Bahia, um menino que quis se chamar Waly Sailormoon, e além do troço, também foi “*Gigolô de Bibelôs*”, “*Algaravias*”, “*Lábia*”, “*Tarifa de Embarque*” e “*Armarinho de Miudezas*”.

2001/ 06 de novembro. E como a Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Clube dos Diários e Teatro 4 de Setembro dedicam uma semana em homenagem a Torquato Neto, temos uma exposição de fotos, palestras e apresentações. Dagoberto Carvalho Jr., notório estudioso de Eça de Queirós, radicado no Recife, gastou uma manhã inteira fazendo comparações entre Torquato e Eça de Queirós, e falando, falando muito em Eça, não se sabendo bem qual tese defendia ou se buscava simplesmente não falar em Torquato. Mas esperar o que de quem fez questão de iniciar a tal “palestra” afirmando não ter o livro de Torquato? Pouco antes, perguntava para a coordenadora do curso de Letras/Português da UESPI, Dorinha, se a coleção completa de Eça de Queirós que ele havia doado à biblioteca estava sendo bem consultada pelos universitários. Enquanto isso, o senhor Heli, pai de Torquato Neto, presente na ocasião, deve ter percebido que a maior semelhança entre Eça de Queirós e Torquato Neto chama-se Dagoberto Carvalho Jr. Ou não?



Enciclopédia Conhecer, 1980

Torquato Neto só olhando.

1971/ 21 de dezembro. “*josé alvaro editor quer lançar uma coleção chamada na corda bamba, com transas de ‘underground’ etc. capinam transou esta muito bem e waly mais eu, se continuarmos andando e podendo, também publicaremos um livro logo de saída. o de waly é aquele mesmo, modificado por questões de custo. o meu, estou tentando organizar agora, chama-se do lado de dentro e a base é mesmo a geléia geral, mais coisas antigas, coisas dos sanatórios e muito pouca coisa escrita só para o livro, mas mesmo assim, alguma. vamos ver. essa nova transa, a de liquidarem assim sumariamente a flor, tem conotações negríssimas, e de repente, na transa geral daqui de dentro. foi-se a flor e agora? por enquanto fica só nisso mesmo. depois, conforme for. veremos. veremos.*”

(Trecho de carta de Torquato Neto para Hélio Oiticica, in Os Últimos Dias de Paupéria, 2.^a edição)

2001 / 9 de novembro, 9h. Trouxeram Waly Salomão para falar na UESPI sobre os bastidores do Tropicalismo. Após rápido impasse sobre onde Waly Salomão iria palestrar, ficou decidido o Laboratório de Artes Torquato Neto. Bem propício. Tinha até a equipe técnica da peça *Soy Loco por Ti*, a ser apresentada após o falatório, martelando o palco atrás das cortinas. Esse “acompanhamento sonoro”, aliás, foi o único bastidor a que Waly fez referência. Entre suas “gentilezas”, não respondeu a nenhuma pergunta, “não respondi, nem vou responder”, bradava ao final, após o revoltado protesto do poeta Zé da Cruz. Observou que nosso centro artesanal é uma câmara de horrores numa cidade repleta de obras macaqueadas de Miami. Seu conselho para os jovens poetas: “saíam do Piauí”. O pesquisador Kenard Krueel até que tentou manifestar seu desejo de ter Waly como “embaixador” do Piauí junto à viúva de Torquato, Ana Maria, detentora dos direitos autorais de sua obra, mas foi publicamente repudiado de maneira cínica. “Aquela menina ali já me chamou de professor, você me chamou de embaixador, mas eu me nomeio é censor”, ironizava Waly, tomando-lhe a palavra. “Eu já mostrei teu livro pra platéia, fiz propaganda antes de você chegar aqui. É mentira, gente?” Alguém esperava algo mais?

2001 / 9 de novembro, 20h. Tivemos a Roda de Poesia e Tambores, organizada pelo contra-lei Elio Ferreira. Waly havia anunciado pela manhã que estaria presente, declamando poemas seus, de Torquato Neto e de Gregório de Matos. Mas não declamou coisa alguma. Aliás, desapareceu após o poeta Chico Castro subir ao palco para ler seu manifesto contra os “troços” que Waly havia dado pela manhã na UESPI. Um ponto básico foi Waly dizer que o Piauí só tinha Torquato Neto e Mário Faustino. De qualquer forma, é preciso respeitar a ignorância de quem não conhece Da Costa e Silva, Martins Napoleão e H. Dobal, para citar alguns e somente poetas. Como não havia mais Waly, sobraram vaias para Kenard Krueel, que inventou de falar nas disputas políticas entre Mão Santa e Hugo Napoleão para um público que gritava: “Poesia!”. O ator Francisco Pellé, que dirigia o Teatro 4 de Setembro, esclareceu ao público o quanto

gastou-se para Waly vir soltar a lábia em Teresina. Um sujeito que tanto já viveu, da poesia marginal dos anos 70 até a “Lábia” de hoje, poderia ter mais a oferecer. No mínimo sair do senso comum e das provocações dispensáveis. Em entrevista aos Cadernos de Literatura Brasileira, João Cabral de Melo Neto declarou: “*Eu acho que certas coisas precisam ser levadas a sério. (...) Em 1945, eu fui convidado a participar do Congresso Brasileiro de Poesia em São Paulo. Achei que precisava escrever uma tese, e assim fiz. Deve ter sido a única. As pessoas foram lá participar do encontro de mãos vazias.*” Waly, é claro, não é nenhum acadêmico, mas isso não justifica suas mãos vazias. Se veio pra brincar era melhor ter vindo durante a Micarina. Paciência. Os tempos são esses.



Enciclopédia Conhecer, 1980

O que esperar de Waly Salomão?

“Que continue fazendo letras de música, que é a praia dele. Se possível, aprenda a respeitar os outros.”

Cineas Santos
professor e livreiro

“Não se poderia esperar nenhuma postura além de provocativa e instigante. Ele é tudo e nada ao mesmo tempo. Ele não veio ao Piauí com outra cara, é assim em qualquer lugar. Mostrou-se verdadeiro, como ele realmente é, embora nem sempre agrade. Waly é isso.”

Rubervam Du Nascimento
poeta

“O poeta Waly Sailormoon esteve em Teresina para falar, na Universidade Estadual do Piauí, sobre o companheiro de artes e artimanhas Torquato Neto, no dia da vida (9) e da morte (10 de novembro) deste. Ora, Waly Sailormoon não é conferencista, não é acadêmico. Mas, colocaram o polêmico rapaz no meio de uns universitários que queriam saber quando o Torquato nasceu, qual o seu primeiro poema, quando ele deu o primeiro beijo, com quem casou, qual foi o primeiro filme, como ele fez o Thiago, em que jornal escrevia, essas coisas que todos os estudantes gostam de perguntar. Coisinha básica. Negócio de cursinho. Escolinha do professor Raimundo. Isso que pode ser encontrado em qualquer manualzinho sobre o Torquato feito por qualquer professorzinho de qualquer cursinho de ponta de rua. E o Waly não está nessa. Está muito adiantado. Suas palavras são disparos intergalácticos. Estão escritas nas estrelas. E a menina não entendeu nada de nada. E foi aquela algazarra bem estudantil mesmo. Muito barulho. Manifestação contra o Waly que, sem compreender o que se passava, continuava na sua, lançando informações avançadíssimas para o nosso tempo e para o

nosso espaço. Waly, para quem tem uma noção pequena que seja da vida e da obra de Torquato, deu o seu recado. Desafinou o coro dos contentes. Incomodou os acomodados. Embora, os macunaímas assim não entendam. Os macunaímas acham, entretanto, que o Waly não é de nada. Enrolou, ganhou a sua grana e foi embora. O Torquato Neto dizia: é louvando quem bem merece que a gente vai deixando o que é ruim de lado. Louvemos Waly Sailormoon, na sua plenitude intelectual. O resto é conversa fiada.”

Kenard Kruel

diretor da Biblioteca Cromwell de Carvalho

“A vinda do poeta Waly Salomão a Teresina no final do ano passado foi uma repetição em tom maior do que aconteceu em 1982, por ocasião das homenagens feitas a Torquato Neto pela passagem dos 10 anos de seu falecimento. Convidado a fazer uma “conferência” sobre a vida e a obra do escritor piauiense, o baiano tropicalista aprontou mais uma, provocando grande confusão na platéia que foi prestigiar o evento no Laboratório de Artes da Uespi.

Não me interessa de modo algum se Waly recebeu um certo cachê (dizem que foi R\$ 2.000), mais passagens aéreas e hospedagem em hotel cinco estrelas, nem tampouco se o mesmo *não tenha dito nada misturado com coisa alguma*, nem se também após a tão propalada “conferência”, ele não quisesse responder a algumas perguntas de uma assistência, em sua maioria composta por universitários ávidos de novas informações, o certo é que a *dita cuja* acabou se transformando num vatapá tão comum ao gosto baiano de fazer e de pensar a cultura em seus diferentes matizes.

Parece que o tempo passou por Waly Salomão, mas ele não passou pelo tempo. A idéia de cultura como uma ação carnavalizadora, nos moldes como foi proposto pelo Tropicalismo musical, já não encontra mais eco nos tempos atuais. Creio que se alguém é chamado para dar uma conferência sobre determinado assunto em uma universidade, a pessoa de antemão sabe que se trata de um ambiente acadêmico, com todas as implicações que esta palavra tem como significado social, cultural e educacional.

Foi visível que Waly não preparou nada. E como ele havia assumido o compromisso com os organizadores locais, não teve outra alternativa a não ser tentar que a platéia comprasse gato por lebre. Eu fiquei horrorizado quando, em determinado momento da “conferência”, o velho poeta baiano se recusou a responder uma pergunta de alguém na platéia, num total desrespeito a quem saiu de casa para ouvi-lo falar sobre um tema supostamente tão conhecido por ele.

Achei foi bom. Com tanta gente em Teresina e em outros estados brasileiros com ensaios publicados em revistas, em jornais e até mesmo em livros, sem falar de conterrâneos que têm trabalhos defendidos em nível de pós-graduação em importantes universidades brasileiras sobre Torquato Neto, não faz sentido trazer uma pessoa como Waly para falar sobre as mesmas plumas e paetês, mais de três décadas depois do fim do Tropicalismo.

Já sei. Vão dizer que eu fiquei careta e que a minha postura é provinciana. Também pudera. Quem mandou eu mexer em casa de marimbondo de fogo?”

Chico Castro

poeta

Elio Ferreira & Lisete Napoleão

Entrevistados por Hermes Coelho, Adriano Lobão Aragão e Sérgio Batista, numa manhã de sábado, diante de lentas águas do Rio Poti, o poeta Elio Ferreira e a professora Lisete Napoleão ponderaram sobre literatura piauiense, poesia, hip-hop, folclore, bumba-meu-boi e o que mais apareceu na conversa. Elio é professor de literatura na UESPI, pesquisador da cultura e resistência negra no Brasil e no mundo, autor do livro de poemas *O Contra-lei*, já em sua segunda edição, onde mistura do hip-hop à poesia marginal. Lisete é Pró-Reitora de Ensino na UESPI, professora de literatura piauiense e pesquisadora de nosso folclore. Escreveu os livros *Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto*, *Zamba* e *Histórias que Ouvi*. Entre um gole de água mineral para o Elio e uma cervejinha para Lisete, perdidos no bairro Santa Sofia, sob pés de “segura-ela” e mangas, deu-se o interrogatório.



Hermes, Lisete, Elio, Sérgio e Adriano.

Amálgama - Quais as características próprias da literatura piauiense?

Lisete - A característica que a gente vê, que a gente tem, no Piauí, é ter esse amor pelo Piauí. Porque são raros os escritores que deixam de falar. O Da Costa e Silva, sempre que falava, era telúrico mesmo. A marca maior deles, que eu vejo, é que sempre que eles usem temas universais, estão sempre voltados para o Piauí. Ao nosso Piauí ou à sua cidade natal.

Elio - Dentro do grande, do nacional, deve existir identidade. Eu sou do Piauí, mas eu sou do universo, eu sou cidadão do mundo. Então meu sentimento daqui vai partir também para o que eu tenho de universal e de humano, que existe em toda parte.

Lisete - Dentro da auto-estima impor respeito e espaço.

Elio - O Piauí não está isolado. Porque o mundo ocidental... muita coisa que se escreve aqui vem do ocidente. Chega aqui e se adapta a uma outra realidade com elementos complementares da arte e da mentalidade de um povo, de um lugar em que está se vivendo.

Lisete - Nós sabemos o quê? Que nós temos toda uma influência de Portugal, que foi de onde nós passamos muito tempo ligados. Portugal, por sua vez, tem toda sua influência de onde? Do resto da Europa, onde o Garrett [Almeida Garrett, poeta e dramaturgo português do romantismo] e todo o pessoal iam e retornavam à Portugal... o próprio Bocage [poeta português, árcade pré-romântico] deixou essa influência para nós, que por nossa vez, à medida em que fomos aprendendo a caminhar, nós fomos absorvendo essas características e compondo nossas músicas, nossas poesias, dentro da nossa realidade.

Elio - Toda literatura dialoga com literaturas anteriores, como na própria vida existe esse elemento. O diálogo com conhecimentos anteriores. Hoje, a negritude não pode ficar descartada numa situação como essa. Portugal veio, mas tem-se de Portugal como se tem do índio, como temos do negro e de outros povos. E o momento da literatura autenticamente brasileira é quando a gente começa a perceber

a dominação, a perceber que temos que pensar com a nossa própria cabeça, por nosso próprio mundo. Estabelecer que a realidade de Portugal veio até aqui, mas temos de Portugal como temos também da África, do índio. Então a gente tem que ver de outra maneira. Ver com os nossos próprios olhos, onde está a questão de identidade. E o que vai marcar a literatura brasileira hoje, a literatura do mundo, é pensar com o olhar do dominado. Então não se pode passar a vida inteira pensando como europeu. Se tem essa estrutura, a gente modifica isso. A gente fala outra coisa...

Lisete [interrompendo] - Ver o que eles têm e construir a nossa realidade.

Elio - É claro. No mundo e na literatura, as culturas dialogam com outras. Deve haver um mundo miscigenado.

Amálgama - A antropofagia na prática?

Elio [gesticulando muito] - A antropofagia da prática. O que é que eu tenho de negro? Eu tenho de negro isso. O que é que eu tenho de índio? Eu tenho de índio isso. O que é que eu tenho de europeu? Eu tenho de europeu isso. Então são as coisas que eu preciso viver nesse momento.

Lisete - O que nós, brasileiros, temos disso...

Elio - Agora eu, como negro, assumo hoje mais o quê? A questão da negritude. Porque essa é minha maior herança.

Lisete - Embora essa face gritante seja do negro, você não pode negar o que tem do índio e do branco.

Elio - Renegar o índio nunca! A minha ancestralidade também está no presente. Eu fiz um estudo da minha ancestralidade e descobri que a minha bisavó foi pega a dente de cachorro, que era uma índia. Temos que resgatar esses nossos valores que foram apagados. Temos que resgatar isso para que tudo conviva em pé de igualdade. Essa relação de diálogo e respeito a todas as culturas e a todas as religiões. Isso é o que se busca. Por que falou-se em negritude e na cultura do índio? É para que sejam respeitadas num mesmo nível que o branco. O branco é branco, e é bonito. O negro é negro, e é bonito. O índio é bonito. A cultura do índio é tão importante quanto a cultura do europeu. O que a literatura brasileira faz nos últimos tempos? É buscar uma linguagem aproximada da que o povo fala, quebrar valores também. Não podemos passar o tempo todo discutindo os valores europeus. O que há de Piauí aqui? O que o pessoal do Piauí está escrevendo? A gente deve entender o Piauí, esse conceito, a partir do que se tem escrito. O cordel é uma marca forte no Piauí. E o que marca o Brasil nesse cordel é a oralidade do poema. O poema para ser gritado.

Lisete - Devemos nos arrancar desse marasmo, porque ele é analisado na Sorbonne e no exterior, mas nós conhecemos pouco e trabalhamos pouco o cordel. Até que a nossa Universidade Estadual começou a resgatar e tentar fazer um trabalho junto ao próprio Pedro Mendes Ribeiro, que todos os anos faz um encontro internacional de cordel aqui no Piauí.

Elio - O que precisamos resgatar é a nossa história. Resgatar a memória do Piauí. Essa questão da piauiensidade é importante. Temos que nos identificar para nos assumir como nós somos e conquistar um espaço também fora daqui. Porque o que acontece é isso aqui: nós somos a periferia. Assim como o negro é tido como periferia, assim como o índio é tido como periferia, essas culturas... E o Piauí em relação ao Brasil é periferia...

Lisete [protestando] - Ainda é periferia. Ainda...

Elio - Considera-se periferia. Estamos aqui num isolamento. O Piauí ainda é tido como o estado mais atrasado, mais pobre. Ainda é visto assim. Então voltar a nossa visão para nós mesmos é importante. O amor próprio, e amar aos outros, para começar a conquistar espaço fora. Agora tem-se que fazer alguma coisa aqui.

Lisete - Mas já estamos melhorando, já há um avanço. A preocupação está muito maior.

Elio - Mas tem que ter investimento! Investimento cultural! Pra quem faz literatura é muito pequeno.

Lisete - É pequeno, eu sei. Mas e quando não se tinha nada? E hoje já se tem.

Elio - Mas são pequenos.

Lisete - E quando não se tinha nada?

Elio - Sim. Mas não se está nesse ponto mais. Você vai, por exemplo, ao Ceará ver a quantidade que eles investem em literatura lá. Todo dia tem gente de fora pra falar de literatura lá. O que o Piauí não faz é isso.

Lisete - Mas nós estávamos falando de produção.

Elio - Mas o diálogo pra fora é válido, porque é preciso isso para levar a nossa literatura para outros lugares. Não devemos ficar ilhados aqui. Precisamos nos comunicar com outras literaturas.

Lisete - Nós precisamos conhecer é a nossa casa. Primeiro trabalhar a nossa casa, dentro. A partir desse momento é que nós podemos ir lá pra fora e abrir as nossas fronteiras. Mostrar que nós somos bons também.

Amálgama - Elio, os seus trabalhos sobre Torquato Neto e Mário Faustino foram publicados em jornais. Como você vê o espaço dado a esse tipo de trabalho nos jornais?

Lisete - Os jornais de grande circulação você sabe que têm que ter um retorno financeiro, e esse tipo de matéria não dá.

Elio - Mas o que é que falta para isso? Onde é que está o vazio? Por isso é que o vazio é grande. Naquela época, por exemplo, quando eu fui fazer as performances de poesia de rua, é porque não havia espaço, meu amigo! O poeta se sente sufocado, então precisa de um espaço, porque falta isso num jornal. O que se faz pra publicar hoje? Eles não publicam mais.

Amálgama - O que as agremiações e academias estão fazendo nesse sentido?

Lisete - A Academia de Letras do Vale do Longá tem um espaço no jornal O Dia, onde você tem espaço pra publicar. A UBE também tem um espaço...

Amálgama - Não existe um exagerado elitismo dentro dessas academias?

Elio - Toda academia é elitista.

Lisete - Até porque há limitações no número de cadeiras.

Elio - Essa questão no Brasil hoje é uma questão de amizade. É claro que todo grupo gira em torno de interesses, ou pelo menos de visões parecidas, estéticas e ideológicas, mesmo que surjam divergências dentro do grupo. Mas a academia parece algo mais fechado ainda. Há um padrão, você tem que ser “assim” pra ter uma vaga: “esse aqui não cabe aqui porque foge dos nossos padrões”. Quando é um movimento, há mais abertura. . E tem a política no meio ainda, valores morais, econômicos, políticos, que sempre influenciam na academia.

Amálgama - Elio, como foi o episódio no qual você ficou nu durante uma apresentação em Campina Grande?

Elio - Em Campina Grande foi o seguinte...

Lisete [interrompendo, risos]- Não estava no script...

Elio - Não estava. Não havia nada premeditado. Mas é a questão do contra-lei, né? Era aquela coisa de criar um clima que dissesse da nossa angústia da época. Então a coisa foi acontecendo...

Amálgama - Foi no dia do massacre no Carandiru?

Elio - Foi no dia do massacre no Carandiru! Eu tinha visto na televisão e eu disse: que país é esse? Em que mundo nós estamos vivendo? Eu passei a viver toda a circunstância da poesia. Aquela relação de fazer o contra-lei e você incorporava não apenas o poema como um indivíduo que a poesia te fazia aquilo.

Lisete - Tu fizestes isso em sã consciência? Não tinha tomado nada?

Elio - Não, não... Isso aí é à parte... [risos]

Lisete - É muita coragem... [risos]

Elio - Mas quando você pinta a cara, você não é mais você. Parece que baixa um fogo assim,



fotos: Sérgio Batista

em cima de você. Dos seus ancestrais, sabe? Quando o poeta fala, ele fala por muitas vezes, não é só por ele não. É muita gente falando através dele.

Amálgama - Mas lá na hora, como foi?

Elio - Na hora, foi o seguinte, eu disse: “que país é esse onde acontece esse tipo de coisa?” E eu comecei a declamar: “eu não sou o presidente, eu não sou o governador...” aí começaram a aparecer as imagens do Brasil, um bocado de sacanagem, de miséria, de violência...

Lisete - Mas essa alucinação era real?

Elio - Era o que eu estava falando na poesia. Era uma coisa real. E eu me perguntava: “que país é esse?” Aí desci as calças e peguei no saco e mostrei pro pessoal. “Que país escroto é esse?” Aí as meninas gritavam: “professor!!!” e botavam a mão no rosto, assim, mas ficavam vendo tudo com os olhos entre os dedos... [risos]

Lisete - Viram a coisa preta, Elio! [risos]

Elio - Mas não é que você faça a coisa pra chocar. É uma coisa que acontece... A coisa foi crescendo...

Lisete - O meu questionamento é esse.

Amálgama - O que a Lisete quer saber é se você estava drogado.

Elio - Em primeiro lugar, quando eu vou para as minhas performances, eu não bebo.

Lisete - Mas, Elio, veja bem. Era um público enorme. Qual era o público?

Elio - Tinha umas cinco mil pessoas, não tinha não? Tinha não. Era o Encontro Nacional de Letras...

Amálgama - O ENEL de 1992, em Campina Grande.

Elio - Em São Paulo, na USP, também aconteceu outro lance assim, parecido. O que agredia não era só tirar a roupa. Era também o texto. Na Paraíba, quando eu ia pra praça, o pessoal começava a gritar: “eu vou comer a tua mãe, eu vou comer o teu pai...” [cantando, trecho do poema Canibal, do livro O Contra-Lei]

Amálgama - Então a poesia embriaga?

Elio - Embriaga. A poesia te envolve. Porque a poesia do contra-lei não é só o texto poético. Há a incorporação de um personagem. Viver a poesia na dimensão em que escrevo.

Lisete - Mas lá [em Campina Grande] estava o professor Elio...

Elio [interrompendo]- Não! Professor não! Professor é na sala de aula. Eu sou o poeta!

Lisete - Mas você estava representando a universidade...

Elio [interrompendo]- Foda-se a universidade! Eu sou o poeta. O Elio é o professor lá na sala de aula. Se eu saí de lá, eu sou mais eu, eu tô rua, eu sou outra entidade.

Lisete - Se você estivesse representando a universidade, deveria ter tido a postura de professor.

Elio - Mas eu sou é o poeta. A entidade é outra coisa. O cara é administrador de empresas, ou é empresário, mas faz uma peça de teatro. Lá no palco, ele é o ator ou é o empresário? Eu tô em casa, eu estou com minha família, eu sou um pai de família. Mas se eu tô na rua falando poesia eu sou o poeta. Eu não sou mais pai de família.

Lisete - Mas se eu for a um seminário representando a Universidade Estadual do Piauí, ali eu sou a representante da universidade, eu sou a professora Lisete.

Elio - Enquanto estiver em sala de aula!

Lisete - Não. Enquanto eu estiver ali, inclusive sendo financiada com passagem paga, com estada paga pela universidade.

Elio - Mas o dinheiro não é da universidade, o dinheiro é do povo, é do Brasil...

Lisete - Mas se eu for para um teatro...

Elio [interrompendo]- Mas o meu trabalho como professor é na sala de aula.

Lisete - Você estava nu na conferência como professor ou como escritor?

Elio - Eu estava como professor e como convidado, poeta, a falar poesia! Eu estava na pauta como poeta, pra falar poesia. Eu não tirei a roupa na sala de aula. Eu tirei num espaço propício pra fazer arte!

Amálgama - A agressividade de sua poesia nasce de uma frustração social?

Elio - O que eu falo não sou eu que falo. Talvez o que as pessoas gostariam de dizer, ou o que as pessoas dizem. Para os meus poemas, eu tiro muito o que as pessoas dizem na rua. Eu sou negro, venho de uma classe social pobre, no nordeste, no Piauí, Florianópolis. O que você escreve é tua vida. Machado de Assis dizia que o menino é pai do homem. Eu convivi em oficina de ferreiro. Minha família era toda Ferreira, meus tios, minha mãe era

flandeira, meu pai ferreiro, e eu cresci naquele som do metal e do palavrão, que quando você tá puto com alguma coisa você xinga. Então procurei alguma coisa que dissesse da angústia e do sofrimento do povo da realidade que eu vivia. Uma maneira mais forte de tocar as pessoas.

Amálgama - E como está sua poesia hoje?

Elio - Minha poesia hoje não está mais dentro daquele tom. É um momento que você cria uma espécie de ser que você incorpora. Você escreveu aquela fase, você esgotou aquilo ali. É uma coisa de momento.

Lisete - Eu acho que houve um amadurecimento. Acho o Elio mais maduro, mais consciente.

Elio - Eu preciso dizer de uma maneira que marque o meu tempo. Uma coisa que veja o mundo com a linguagem das pessoas da minha época. Do meio em que eu convivo. Eu vivo num momento difícil em que as pessoas estão buscando se situar no mundo, num lugar ao sol, e o mundo tem que ser pra todo mundo. Porque essa grande visão na miséria total, sem acesso a escola para uns, e outros com tanto? Então o contra-lei era isso. Porque a lei estava muito errada! [bem enfático] E ainda está muito errada. E eu vivi numa estrutura que eu conhecia muito tudo isso. Eu trabalhei em repartição pública, eu nunca fui só professor, porque não dava pra comprar meus livros. Eu fui educado numa família em que meu pai era ferreiro, mas se comprava livro e tinha biblioteca em casa. Minha mãe ensinava a ler, também era professora, por isso lá em casa era cheio de gente. O *poemartelos* fala disso, e é muito de memória, porque eu pegava também muito o mito do povo. Houve um crime muito hediondo na minha cidade. O cara matou outro e pinicou todinho. O que eu sei dessa história é que aparecia o demônio na casa dessas pessoas e o cara que fez esse crime era casado com uma tia minha, e sofreu muito por isso. No *poemartelos* eu falo dessa coisa. Muito som, muito martelo. Imitar o som do ferro. Eu criei uma poesia sonora pra ser falada imitando o som do ferro.

Lisete - Hoje você usa muito o estilo do Rap, não é?

Elio - O Rap foi um momento do Contra-lei. Quando eu escrevi o Contra-lei, não tinha nenhum contato com o Rap. Comecei a ter no final de 94. Aí o pessoal do Rap, do Hip-Hop, viu meu livro e dizia: “Professor, vamos cantar isso aí”.

Amálgama - Então, na verdade, a inclusão do Hip-Hop ao Contra-lei foi posterior ao livro?



Elio - Foi posterior. Depois eu publiquei a segunda edição já com esse contexto. Mas eu acho que já tinha alguma coisa de Rap no ouvido, por causa da poesia pra ser falada, porque quando você escreve, além das coisas do passado, tudo que há de presente no som você coloca no seu texto. Eu gostava de escrever ouvindo blues, jazz, música popular brasileira. Era sempre assim, ouvindo vários tipos de música.

Amálgama - Mas foi o Rap que incorporou isso de maneira bem característica para sua poesia.

Elio - Exato.

Amálgama - Então como você vê a essa situação de respeitar uma MPB que torce o nariz para o Rap?

Elio - Eu não sei por quê? Pois o Hip-Hop é um ritmo, um ritmo negro, dos negros que viviam nos guetos dos Estados Unidos, na periferia, e Rap quer dizer o quê? Poema em ritmo. Poema pra ser cantado.

Lisete - Mas eu acho que há essa marginalização porque eles levam geralmente à anarquia, à droga, à...

Elio - O Rap não tem nada disso! O Rap é o contrário. O Hip-Hop...

Lisete - Mas as gangues e as confusões que tem no Rio de Janeiro...

Elio - Aquilo é o funk. É outra história.

Lisete - Mas há uma mistura, pois inclusive é muito parecido.

Elio - Junta-se o Rap ao Hip-Hop. O Hip-Hop é um movimento educativo. É a visão de educar. *Faça a Coisa Certa*, lembra do [filme de] Spike Lee? Está diretamente ligado a isso, a educar. Tirar o sujeito da pior. Mas é claro que existe o Rap gangster, também. Não vou dizer que só há bons. Mas a força toda do Hip-Hop é tirar o cara da lama.

Lisete - Mas o próprio Hip-Hop tem também as gangues.

Elio - Não. Não tem não. O Hip-Hop é o seguinte: são pessoas educadas, gente da periferia, meninos que estudaram a história do negro, a condição de...

Lisete - Inclusive o Gabriel O Pensador faz isso...

Elio - Mas o Gabriel O Pensador não é do Hip-Hop. Ele faz Rap, mas não é do Hip-Hop,

número 1 janeiro 2002

do movimento. Hip-Hop é um movimento que, em primeiro lugar, é música para divertir, para conscientizar, para educar, para contar a sua história, do momento, da periferia. Os Racionais mostram o cara quando entra no tráfico, mas também quando se dá mal no final. É instrutivo. É a consciência ideológica. Estudar a questão do negro, a questão social da miséria. Evitar entrar no mundo do álcool, da droga, porque aquilo vai te levar para um caminho que pode ser sem volta. Mas o Rap também pode se aproximar pra dialogar com as gangues, porque a gangue é apenas um fator social.

Amálgama - Não seria então a música que leva à criminalidade, ela só reflete...

Elio - Reflete a realidade. A condição de ser. Por que o sujeito está no crime? Porque não teve oportunidade, na periferia, para ele. É algo altamente político, algo revolucionário. É pra brincar, educar e pensar sempre. É a mesma situação o negro e o pobre. A visão é essa. Mas não se abre espaço na grande mídia para o Hip-Hop. Não se abre para Racionais, para Câmbio Negro, para Rio Radical Rap, que tem até um cara do [bairro de Teresina] Monte Castelo, que eu sempre converso com ele, o Yuri, no Rio de Janeiro. A polícia de Minas Gerais deu o maior cacete e quase mataram o cara, deixaram o cara jogado lá porque tinha um verso dele que dizia "Foda-se a polícia, foda-se a polícia".

Amálgama - Lisete, e como anda a pesquisa folclórica?

Lisete - É um trabalho que estamos desenvolvendo desde um curso em Belo Horizonte, que foi Leitura e Produção de Texto. Naquela época eu viajava muito pelo interior, trabalhando pela UESPI.

Elio - Eu acredito que nossa base, nossa cultura está sempre no interior...

Lisete - E eu tenho difundido isso pra fora. Eu recebi agora em Lisboa um cavaquinho, que é um prêmio cultural de lá pelos trabalhos que faço. Eu confesso que além de ser uma defensora e uma pessoa que trabalha com a literatura piauiense. Eu sou uma das pessoas que dá a vida e o sangue, qualquer coisa, para que a gente continue trabalhando a cultura de um modo geral. Eu não me preocupo se ela está elitizada ou não. Eu só me preocupo se ela chega ao povo. Que o povo, com isso, consiga fazer uma análise crítica. A nossa cultura é riquíssima e apaixonante. O meu trabalho me ajuda a descobrir isso cada vez mais.

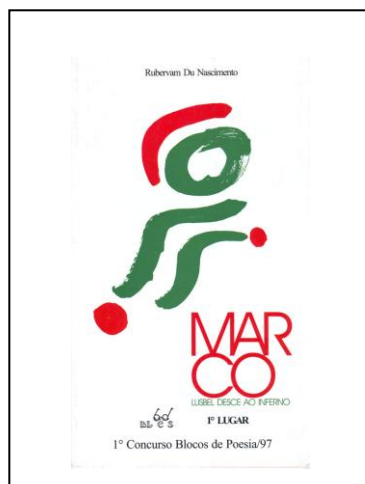
Amálgama - Elio, a poesia já te ajudou a comer alguém? [risos]

Elio - Sacanagem. Minha mulher deve estar lendo isso. [risos] Mas eu só posso dizer que ela é apaixonante.

A Máquina do Movimento Perpétuo

Adriano Lobão Aragão

e s t
e t o
s c ó
p i o



36

Antonia Flor, 80

na mira de fazendeiros
com seus fuzis de silêncio

montou seu cavalo de sonhos
pra enfrentar a noite

nunca mais voltou

a última vez que foi vista
repartia lotes de nuvens
com os perseguidos do céu

“Cada um inventa a saída / por onde se arrisca”. No seu livro **Marco Lusbel Desce ao Inferno** (Editora Blocos, Rio de Janeiro), Rubervam Du Nascimento arriscou inventar sua poesia a partir de colagens e releituras que vão desde anúncios de venda de condomínios, propagandas e poemas astecas até Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco, poeta, inventor e revolucionário que lutou pela independência do Piauí no século XIX. Incompreendido na época (e até hoje), Leonardo nos legou o longo poema *A Criação Universal*, que serviu de ponto de partida para várias colagens de Rubervam. Ao final do livro, há notas sobre as colagens, mas ainda é possível encontrar inúmeras outras referências que dispensam qualquer indicação. (“Quem diria Manuel / tua Bandeira / foi pro beleléu”) Quantas não estarão obscuras, esperando a “luminosa / manhã / nas palavras”?

Talvez seja a criação poética o verdadeiro moto-contínuo, a máquina do movimento perpétuo, que Leonardo julgava descobrir nas suas pesquisas, a própria criação universal. A nós, que continuamos tentando encontrá-la, devemos conhecer essa travessia de Rubervam, que elimina os limites do tempo e as barreiras nacionais, criando um canto latino-americano na fusão de Leonardo com o subcomandante Marcos, do exército Zapatista de Libertação Nacional, México.

Vários momentos permeiam o surrealismo. Seus versos transformam a tragédia de uma líder camponesa piauiense, morta por fazendeiros, numa redenção lírica, num trabalho contínuo que nem sua morte interrompe;

“... repartia lotes de nuvens / com os perseguidos do céu”. Esta e diversas outras imagens são montadas ao longo de 49 composições de versos fragmentados, mas o conjunto mantém sua unidade.

Residente em Teresina, Rubervam Du Nascimento nasceu na ilha de São Luís do Maranhão, 1954. Advogado e funcionário público, desde os anos 70 reinventa as palavras. Disso resultaram as edições revistas e diminuídas de seu outro livro, *A Profissão dos Peixes*. Com **Marco Lusbel Desce ao Inferno**, ganhou o Concurso Blocos de Poesia/97, cuja editora Blocos encarregou-se de publicá-lo. Mas o maior prêmio para um poeta é escrever versos precisos, mesmo que para isso tenha de descer ao inferno, como Orfeu.

Não Fazemos Feio

Sérgio Batista



Ilustração: Gabriel Archanjo

Prezada maioria de nossos articulistas, confesso-vos que tolerarei até onde me foi possível calar o desabafo. Entretanto, sinto não poder mais fazê-lo, apesar de o querer imensamente, no receio de ser mal interpretado e, conseqüentemente, malquerido. Entretanto, este grande amor à Literatura nunca me é gratuito: ou causa-me euforia diante do texto artístico ou completo furor, frente aos inqualificáveis escritos. Cometer a omissão de escrever sobre tais estados de espírito seria negar esse sentimento que me arrebatava, instiga e compromete diante da arte literária. De qualquer modo, desejo deixar clara minha intenção com este manifesto: a de promover o desenvolvimento cultural de nossa gente, a partir de uma qualidade cada vez mais plausível dos textos jornalísticos, nada além.

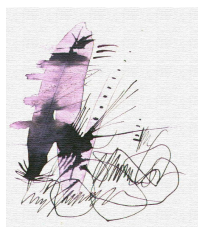
Inicialmente, senhores, permitam-me vos lembrar que talento literário é coisa rara, e o papel do escritor, de fundamental importância. Proponho que nos respeitemos enquanto escritores – se é que somos, mas, sobretudo, na posição de comunicadores, formadores de opinião, respeitemos mais o leitor. Respeitemos seu amanhecer, seu pequeno e valioso tempo de que dispõe antes da árdua e penosa labuta; mas respeitemos, acima de tudo, sua inteligência e bom gosto. Tenhamos mais zelo quando estivermos diante do papel em branco. Sejamos mais solenes. Concebamos nossas linhas como uma sagrada escritura, certidão indestrutível de um sagrado casamento. Pensem em nossa obra como uma aliança, um forte elo entre nós e o indispensável ser humano à frente das páginas: razão final de nosso escrever.

Portanto, o que sugerimos é que, à guisa de início, deixemos de lado determinados textos que só dizem respeito a nós mesmos ou à nossa tradicional e ilustríssima família. É preciso que nos toquemos para o fato de que Teresina se desenvolveu demasiadamente nos últimos 20 anos, deixando de ser um provinciano reduto de sobrenomes. Empreendimentos em diversos ramos foram implantados em nossa capital, atraindo gente de todas as partes do país. A verdade é que há muitas pessoas de fora residindo conosco, cultas, de formação e gosto apurados, totalmente desinteressadas em nossas apologias genealógicas. Assim, rogo-lhes que não façamos feio: deixemos de desenterrar defuntos, relembrar um passado que já não nos diz nada. Todavia, se tivermos de recorrer à História, que o façamos com criatividade, em tiradas inesperadas e oportunas, surpreendendo agradavelmente quem pagou para ler; isso mesmo, colegas!: respeitemos o dinheiro do leitor, o esforço para ganhá-lo.

Sob outro prisma, é importante observarmos que vários de nossos artigos funcionam notoriamente como verdadeiros tapa-buracos. Ora, se não temos com

que preencher a coluna, existe saída: deixemos que o jornal publique os bons textos que estão à espera, mas não banalizemos nosso nobre ofício em nome do egoísmo. Lembremo-nos de que tudo escrito sem esforço é geralmente lido sem prazer. Sigamos as sábias recomendações de Rilke e de nosso saudoso Drummond: escrevamos somente por absoluta necessidade. Contudo, uma vez com a pena, sejamos caprichosos na escolha do tema: deve ser interessante, conveniente, oportuno. Ao leitor, já lhe bastam as demais notícias que necessita engolir por qualquer tipo de obrigação. De nós, ele não espera nem mais nem menos do que dois simultâneos brindes: entretenimento e instrução.

Tenhamos, outrossim, a devida cautela com a clareza, fluência, leveza e coesão textuais. Não devemos esquecer que estamos escrevendo para jornais, para pessoas com distintos níveis de conhecimento; e é exatamente nesse ponto que se encontra nosso mérito jornalístico: conseguir que inteligências tão heterogêneas leiam e apreciem nossos artigos. Para lográ-lo, não devemos, pois, abusar de linguagem técnica ou rebuscada, quase sempre cansativa. Se temos que versar sobre Direito, Economia ou similares, façamos de forma a mais simples e agradável possível, utilizando referências e associações de idéias que causem empatia ao leitor.



“Sigamos as sábias recomendações de Rilke e de nosso saudoso Drummond: escrevamos somente por absoluta necessidade.”

Aspecto diverso, para o qual devemos dar uma atenção especial, é a riqueza das informações; esta não pode nem deve ser desprezada. Para escrevermos com a necessária autoridade, precisamos ler e pesquisar exaustivamente, no intuito de passarmos dados atraentes, inéditos, com um enfoque inteligente e original. Todo escritor é, antes de tudo, um grande leitor. Estou absolutamente certo de que, caso estivesse ao meu lado, Samuel Johnson diria: “Aproveita, Sérgio, e acrescenta: ‘a maior parte do tempo de um escritor se passa em leitura, para depois escrever; uma pessoa revira metade de uma biblioteca para fazer um só livro’ ”.

Prestemo-nos também, de uma vez por todas, um último e grande favor: chega de erros primários de grafia, pontuação, concordância... Poupemo-nos disso, digníssimos professores de língua portuguesa, veteranos jornalistas, renomados advogados, meritíssimos juízes. Tenhamos, ao menos, a postura de rendermo-nos a um bom revisor, um profissional competente. Observemos o senso do ridículo. Enfatizo, senhores: não façamos feio!

Por fim, uma última súplica: se alguns dos colegas possuem a rara consciência de que não são portadores da indispensável autocrítica, procurem expor seus trabalhos antes da publicação de fato. Seria mais sensato. Façam uma espécie de pré-estréia entre os seus; mais à busca de críticas edificantes do que de elogios que se precipitem no vazio. Exponham, porém, para quem entende de arte literária, ou, no mínimo, para quem não dispensa o bom português. Dessa maneira, evitarão o vexame; senão, algo muitíssimo pior: a indiferença.

O que o Garoto Imobilizado Dizia

Adriano Lobão Aragão

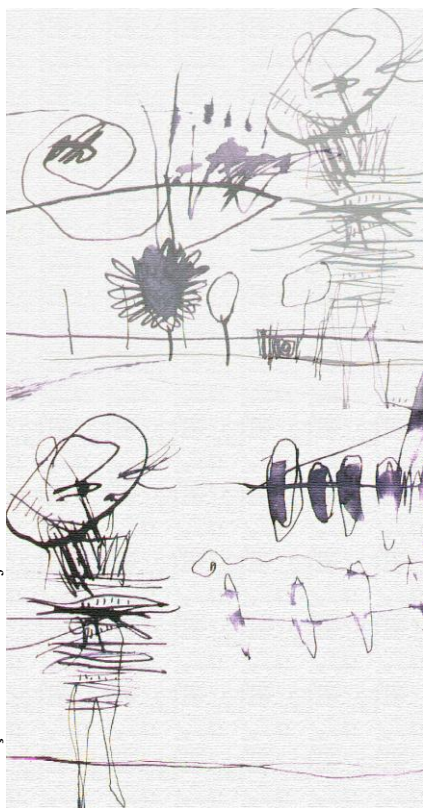


Ilustração: Gabriel Archanjio

As mãos do segurança imobilizam os dois bracinhos. A criança grunhe algo. Parece um bichinho feroz, porém muito assustado. Chora sem lágrimas, não articula palavra.

– Cala essa boca, porra!

A voz grossa do segurança explodia na cara do garoto enquanto um outro menino, Jaime, não conseguia seguir seu caminho. Sumiria em seu cotidiano confortável, não fosse a cena incomum para seus olhos. A mão de sua mãe o leva de volta ao seu mundo.

– Vamos, menino! Isso não é coisa pra ficar olhando!

Jaime queria saber o que o garoto imobilizado dizia, mas não tinha permissão para tanto. Não podemos traduzir aquela linguagem nem comprometer as oferendas que a mãe coloca em sua vida. E o que temos a oferecer ao menininho vagando no estacionamento do shopping em busca de pequenos furtos? Somente a mão forte que

agarre seus bracinhos e leve-o para onde? A mão do segurança não assume o papel da Providência. Nem poderia. Diante de um shopping, não seria o segurança o operário do bem-estar comum.

Mas como acabar com esses pequenos mamíferos selvagens que vagueiam entre grandes dinossauros? Esse é o caminho dos pensamentos de Taís, irmã mais velha de Jaime. Sente-se incomodada demais com os terríveis trombadinhas. Tudo poderia ser simplificado, bastaria eles não existirem. Minha querida Taís, bote na sua cabecinha que, sim, eles existem e estão entre nós; mas lembre-se, não são extraterrestres. Ela pensa em suas inutilidades sociais. Não precisamos deles para estragar o dia, conclui.

Coisas humanamente negativas. Não tiveram essas crianças a mão forte que nos levou às oportunidades do progresso humano, do vaso sanitário ao emprego renumerado e à educação escolar. Porém, nossa educação revelou-se inútil nesses instantes. Diante do centro de compras, parece ser o emprego renumerado, ou a renumeração mesmo sem emprego, a única coisa que possui sentido. Um pequeno ladrão não deve subverter a ordem, e sim buscar suas migalhas no dia-a-dia quebrado.

Seus grunhidos advertem: ele é humano. Bem mais humano que eu. Uns o vêem como substantivo abstrato, como democracia, fome ou esperança. Para outros, é bem mais confortável observar o derramamento de sangue na Terra Santa e a fome na África pela tv, onde podemos nos comover como nos filmes ganhadores de Oscar em cartaz nos cinemas do shopping.

Seminal

Jeferson Probo

bruta palavra feito pedra
metáfora em estado mineral
lápide de silêncio para extrair
das distâncias palavras
pedra de toque em seminal poesia

bruta palavra feito pedra
metáfora em estado de lição
empilhar palavras em concreto construir
toque de pedra em seminal poesia

bruta palavra feito barro
metáfora em estado de carne
lápide de vértebras para distrair
serpentes e o cosmo
verbo em seminal poesia

bruta palavra feito depois
metáforas em estado de antes
lápide de tempo para
a seminal poesia do agora

Você

Mariane Ferreira

Você é assim
Como o vento,
Que entre o pudor e o tormento,
Alivia...

Você é assim,
Como a chuva,
Tão leve, quanto fugaz.

Você é assim,
Como eu...

Tanto é,
Que tanto faz.

Colibri

Aldo José Vaz de Sousa

Ah! Doce linda beija-flor
Beije-me
Mas não me beije
Com um beijo de dor.

Beije-me
Com um beijo de amor.

Beije-me linda flor.
Beije-me minha musa
Beije-me minha lusa
Beije-me Cazuzza
Beije-me como Cazuzza
Me Beijou.

Beije-me linda flor.
Beije-me no silêncio do escuro
Beije-me no mais alto dos muros
Beije-me Russo
Beije-me como Russo
Me beijou.

Beije-me linda flor.
Beije-me entre quartos
Beije-me no mato
Beije-me Renato
Beije-me como Renato
Me beijou.

Beije-me linda flor
Beije-me linda bela flor
Beije-me mais bela das belas
Beije-me até mesmo na sentinela.

Doce linda flor
Beije-me com amor
Beije-me com o beijo mais
Suave de uma beija-flor.

Linda bela flor
A mais bela das belas

Beije-me linda flor
Beije-me com todo amor
Beije-me beija-flor.

A poesia deve ser buscada em todos os lugares. Temos um poema abaixo e propomos a você o desafio de descobrir quem é o autor destes versos. Procure, leitor. Consulte seus livros, as bibliotecas a que tiver acesso, seus amigos, sua memória e sua alma. E não descanse após encontrar o autor, pois muitos outros poemas ele ainda pode oferecer. Quanto a nós, oferecemos exemplares da próxima edição de Amálgama às 5 primeiras cartas que chegarem ao nosso endereço, e aos 5 primeiros *e-mail* enviados ao nosso *site*. Não perca tempo, pesquise e sinta o envolvimento pleno com a poesia.

E então que quereis?...

Fiz ranger as folhas de jornal
abrindo-lhes as pálpebras piscantes.
E logo
de cada fronteira distante
subiu um cheiro de pólvora
perseguido-me até em casa.
Nestes últimos vinte anos
nada de novo há
no rugir das tempestades.
Não estamos alegres,
é certo,
mas também por que razão
haveríamos de ficar tristes?
O mar da história
é agitado.
As ameaças
e as guerras
havemos de atravessá-las,
rompê-las ao meio,
cortando-as
como uma quilha corta
as ondas.

01. O presente concurso é promovido pela revista AMÁLGAMA, com objetivo de dar oportunidade de expressão e manifestação a todos os interessados em poesia.

02. Os poemas serão inscritos mediante o cumprimento das seguintes exigências:

a) Em um envelope grande, lacrado, deve constar 1 poema inédito, de autoria própria, datilografado ou digitado, identificado pelo pseudônimo do autor.

b) Acompanhando o poema, deve haver um envelope pequeno, lacrado, identificado somente pelo pseudônimo e, dentro deste envelope pequeno, os dados pessoais do autor: nome completo, nome artístico, pseudônimo, endereço e telefone.

03. Os poemas devem ser enviados ou entregues na locadora Livros & Letras, rua Areolino de Abreu, 1718, sala 01, Centro, ed. Luiz Fortes, de 01/02/2002 a 03/03/2002.

04. A comissão julgadora será composta pelos diretores da revista AMÁLGAMA.

05. Os cinco melhores poemas serão publicados no terceiro número da revista AMÁLGAMA, sendo que os dois melhores colocados terão uma antologia de seus poemas organizada e divulgada na internet pelo *site* oficial da revista.

06. De acordo com a qualidade dos demais poemas inscritos, a comissão julgadora poderá atribuir menções honrosas.

homenagem

Benedito **Martins Napoleão** do Rego nasceu em União-PI, 1903. Professor, poeta, jornalista e tradutor. Presidiu a Academia Piauiense de Letras. O Cancioneiro Geral, 1981, reúne sua obra poética, composta, entre outros, por Copa de Ébano, 1927; Poemas da Terra Selvagem, 1940; Caminho da Vida e da Morte, 1941 e Prisioneiro do Mundo, 1953. Faleceu no Rio de Janeiro em 1981.



Poemas da Terra Selvagem 1940

Prelúdio

As árvores aqui são tão altas
que as estrelas cansadas dormem
[nos seus galhos.

E há tanto silêncio nos seus vales
que o sol da tarde pára, admirado, em cima
[das montanhas.

Os pássaros têm um canto tão bonito
que a madrugada nasce mais cedo
[para os ouvir.

E a noite é tão clara
que as almas pensam que seja um lago de
[se banharem.

Há tanta riqueza
que as águas mortas dos pauis
[brilham de noite
fabulosamente:
é um delírio tão grande como o da febre
[dessas águas.

A luz, de tão intensa,
atravessa a alma dos meus patrícios:
é por isso que há tantos poetas
na minha terra.

O Amor

Aqui, o amor
é brutal e violento
como o sol do meio-dia
na posse plena da terra.

É como o sol que seca as fontes.

Caminhos da Vida e da Morte 1941

Cabem muitos amores

Em cada coração cabem muitos amores,
como todas as cores cabem em nossos olhos
e todos os sons em nossos ouvidos.

Para nós, uma cor e um som apenas
não seriam, com certeza, a vida
mas a monotonia melancólica da eternidade.

Versículos de Salomão

Eu pensava nas coisas eternas:
na essência da verdade e da beleza.

Eu pensava nas coisas eternas,
quando ofereceste a boca matinal
à sede do meu beijo.

(Como posso, Senhor; recusar, sem soberba,
o fruto macio e orvalhado
que a árvore dadivosa atirou aos meus pés?...))

Última noite de festa

Ao fim de tudo, na hora serena,
se apagarão os meus sentidos
como lâmpadas de festa.

As sombras entrarão
e a casa ficará vazia...

amálgama